

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-14-1683>

A BIOGRAFIA EM SUA DIMENSÃO ARGUMENTATIVA: O FAZER-FAZER

Raquel Lima de Abreu-Aokiⁱ

Resumo: O Estado Novo foi fértil na reprodução de textos contendo apologias ao regime e ao estadista Getúlio Vargas. Tal estratégia visava a difusão dos valores e ideais estadonovistas. Dentre esses materiais, selecionamos a biografia *Getúlio Vargas para crianças*, de autoria de Alfredo Barroso, com o objetivo de analisarmos a construção das imagens de Vargas e compreendermos o ideário daquela conjuntura. Ancoramo-nos na teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, que nos ajudou a compreender: as instâncias de produção do discurso; os parceiros da troca linguageira e seus estatutos; a finalidade do ato comunicativo e as circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguageiro.

Palavras-chave: Biografia. Argumentação. Dimensão Argumentativa. Getúlio Vargas.

Abstract: The New State was fruitful in the reproduction of texts defending the regime and the statesman Getúlio Vargas. This strategy was aimed at disseminating the values and the ideals of the New State. Among these materials, we selected the biography *Getúlio Vargas for children*, by Alfredo Barroso, with the purpose of analyzing the construction of Vargas' image and of understanding the ideas of that conjuncture. We draw upon the Semiolinguistic theory of Patrick Charaudeau, which helped us in understanding: the instances of discourse production; the language exchange partners and their by-laws; the purpose of the communicative act and the material circumstances in which the language act is carried out.

Keywords: Biography. Argumentation. Argumentative dimension. Getúlio Vargas.

ⁱ Professora Doutora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil.
E-mail: abreuaoki.raquel@gmail.com.

Introdução

As escolas durante o Governo Vargas (GV) foram escolhidas como espaços vitais para a execução do projeto nacionalista¹ por meio de um modelo de infância e juventude que projetaria, para o futuro, o trabalhador e patriota devotado desejado pelo Estado. Para tanto, as providências formativas visaram à reorientação de todos os aspectos didáticos e pedagógicos desde a gestão até a efetivação de um currículo adequado às propostas do governo getulista. Como afirmou Bomeny (2003, p. 139):

Em sentido especial, a educação talvez seja uma das tradições mais fiéis daquilo que o Estado Novo pretendeu para o Brasil, formar um homem novo para o Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, forjar uma identidade positiva no trabalhador brasileiro.

Foi durante a ditadura de Vargas que mais se produziram livros com o objetivo específico de apoiar o seu governo. Centenas de obras elogiosas ao regime e enaltecidas da personalidade de Vargas foram escritas, em linguagem simples e acessível, para que fossem lidas pelo maior número possível de pessoas (GARCIA, 1990).

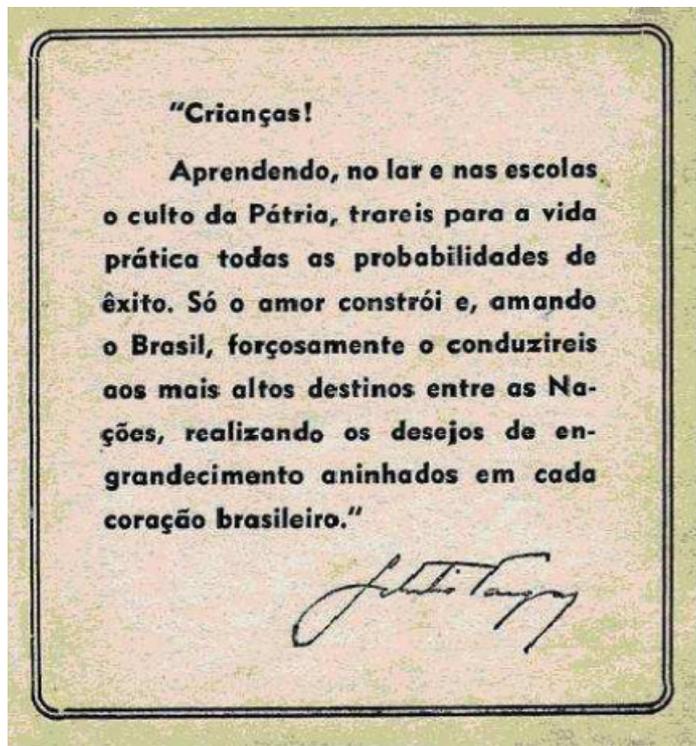
Dos materiais publicados na época do Estado Novo, selecionamos, para fins de pesquisa², uma de suas biografias: *Getúlio Vargas para crianças*, que circulou nas escolas brasileiras em 1940 com a função de material paradidático. Tal artefato era representativo dos valores estadonovistas, que procuravam formar cidadãos súditos, leitores acríticos, membros da maioria silenciosa e “imitadores” de Getúlio Vargas. (ECO e BONAZZI, 1980).

O texto biográfico foi todo escrito por Alfredo Barroso, que nos conta a história de GV em terceira pessoa, assumindo uma posição de observador onisciente. No entanto, na introdução desse material (paratexto), o autor insere uma mensagem assinada pelo próprio Getúlio Vargas, destinada aos seus leitores, marcada precisamente pelo vocativo “Crianças”, como pode ser checado a seguir:

¹ O varguismo não se define como um fenômeno nazifascista, mas é relevante considerar a importância da inspiração das experiências italiana e alemã nesse regime – as similitudes são muitas (CAPELATO, 1998).

² Este artigo é parte da nossa dissertação de mestrado (ver ABREU-AOKI, 2012).

Figura 1 – Carta de Getúlio para as crianças



Fonte: Cartilha Getúlio Vargas, o amigo das crianças (texto introdutório)

Essa estratégia do escritor, além de sinalizar o possível leitor-modelo do texto, faz com que tenhamos a impressão de que a obra foi escrita com a chancela do próprio estadista, imputando-lhe credibilidade.

Como dissemos, na época em que esse material circulou, havia uma ditadura no Brasil, logo, uma grande regulação e controle da informação por parte do Governo, fazendo com que a versão estatal fosse única e verdadeira. Atualmente, vivendo em uma democracia, em que há como pressuposto do Estado Democrático de Direito o pluralismo de ideias e a liberdade de expressão³, é possível encontrar novas versões da história varguista, compará-las e perceber os muitos silenciamentos daquela época.

Diante do que foi colocado, surgiu, no início da pesquisa, a seguinte hipótese: o verdadeiro objetivo da biografia não seria apenas apresentar a vida do estadista para as crianças, mas sim, os valores que eram desejados para o Estado Novo. O discurso político permeava o texto, a visada era

³ A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, inciso IX: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença”; a Lei 12.528, de 2011, estabelece a Comissão da Memória e Verdade com o objetivo de esclarecer os fatos que ocorreram no período da Ditadura.

informativa, *fazer-saber*⁴, mas a dimensão parecia ser argumentativa da ordem do *fazer-fazer*⁵. O suporte material escolar era um pressuposto para sua entrada nas escolas, e o gênero biográfico, uma oportunidade de apologia.

Desse modo, ao contar a história de Getúlio, o seu dia-a-dia, seus pensamentos, suas atitudes, seus êxitos, por meio de uma escolha lexical criteriosa, que exaltava Vargas, o biógrafo tentaria despertar nas crianças o desejo de serem como o seu líder e, conseqüentemente, desenvolver uma identidade estadonovista⁶/nacionalista. Dessa forma, por meio de um paradidático que visava, aparentemente, informar as crianças sobre a vida de seu presidente e seus feitos gloriosos, a intenção do Estado seria manifestada implicitamente.

Para comprovar nossa hipótese, utilizamos como quadro teórico-metodológico a Semiologia de Patrick Charaudeau e os modos de organização do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, narrar, descrever e argumentar (CHARAUDEAU, 2009, p. 68).

Para a teoria Semiológica, à qual nos filiamos, a linguagem é compreendida como algo indissociável de seu contexto sócio-histórico. Esse posicionamento teórico é responsável por nos ajudar a compreender: as instâncias de produção do discurso; os parceiros da troca linguística e seus estatutos; a finalidade do ato comunicativo e as circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguístico.

Na perspectiva charaudeana, é importante considerar as condições sociais em que as manifestações linguísticas ocorrem, considerando o que está dito (explícito) e o que não é dito (implícito). Parte-se, nesse caso, do pressuposto de que toda situação de comunicação determina um uso estratégico da língua, apropriado às suas especificidades e gerado pelas intenções comunicativas dos sujeitos envolvidos nessa interação.

⁴ Que consiste em querer *fazer-saber*, isto é, transmitir um saber a quem se “presume” não possuí-lo (CHARAUDEAU, 2009, p. 69).

⁵ Entende-se por *fazer-fazer* “querer levar o outro a agir de uma determinada maneira” (CHARAUDEAU, 2009, p. 69).

⁶ O projeto nacionalista do Estado Novo valorizava, em outras palavras, a uniformização, a padronização cultural e a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma da sociedade, que não fosse na forma de corporações rigorosamente perfiladas com o Estado. Daí seu caráter excludente e, portanto, repressor. A formação do Estado Nacional passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 166).

1. A situação comunicativa

Charaudeau (2009) esclarece que o discurso deve ser compreendido como parte integrante de um processo bem amplo, relacionado à encenação do ato de linguagem. Tal encenação compreende um dispositivo que contém dois circuitos, a saber: um *circuito externo*, relativo ao lugar do *fazer psicossocial* (elemento situacional); e um *circuito interno*, no qual se situa o lugar da *organização do dizer*, sede do discurso.

Ainda na perspectiva do autor supracitado, o circuito externo (nível situacional) diz respeito às circunstâncias de produção do discurso. Nele encontraremos os sujeitos possuidores de uma intencionalidade e conectados por uma situação de comunicação real. Todos esses elementos circunstanciais antecedem e motivam a materialização do discurso (circuito interno/nível discursivo).

Ao abordar o fenômeno da significação languageira, a Semiolinguística considera, portanto, o aspecto situacional, ou seja, os fatores históricos, sociais, culturais, psicológicos e intencionais do ato de linguagem, incluindo tanto o sujeito (produção) que deseja comunicar quanto aquele que vai interpretar (recepção). Em seguida, apresentaremos o quadro comunicacional proposto por Charaudeau – que apresenta as categorias que giram em torno da noção de ato de linguagem – a partir do qual os conceitos apontados até o momento serão aprofundados.

O ato languageiro em sua totalidade, perfaz dois circuitos de produção: o *circuito externo* (nível situacional) em que se encontram duas instâncias, a de *produção* do discurso, representada pelo *sujeito comunicante* (EUc) e a de *recepção*, representada pelo *sujeito interpretante* (TUi). Esses sujeitos são seres reais, historicamente determinados e recebem o nome de parceiros. Em virtude de suas funções e intenções, decorrentes de uma dada situação de comunicação, esses parceiros realizam, respectivamente, um projeto de fala e suscitam uma expectativa de interpretação. O nível situacional não é, portanto, o discurso propriamente dito, mas será determinante para a sua configuração. Em outras palavras, trata-se das condições de produção do discurso (o *fazer*). Em nosso material de análise, temos uma instância compósita: o sujeito comunicante (EUc), o escritor Alfredo Barroso, ser social, representante do Estado e chancelado pelo DIP, autor e organizador da obra. Temos também a figura do Estado e o próprio DIP, agente regulador.

Já no *circuito interno* (nível discursivo), estão localizados os dois *seres de fala*, denominados de protagonistas: sujeito enunciador (EUE) e o sujeito destinatário (TUd). Eles são o resultado da encenação do *dizer* realizada pelo EUC, que será interpretada pelo TUi. Considerando a situação de comunicação, o EUC utilizará estratégias discursivas apropriadas em relação ao que se deve, se pretende e se espera dizer. Para isto, o EUC projetará um EUE, responsável pela materialização linguística de tais estratégias.

O EUE é uma imagem de si (discursiva) que o indivíduo (ser real) constrói por meio da linguagem. Essa imagem de si (o *ethos*)⁷ é reconstruída continuamente por cada um dos falantes, ela pode variar de acordo com as situações de comunicação em que eles se encontram. Como exemplo, podemos dizer que um aluno terá diferentes identidades discursivas considerando suas visadas, no intervalo da escola, nas apresentações de trabalho em sala de aula, em uma conversa formal com a coordenação de um curso etc. Para cada situação, é necessário o uso de uma “máscara” linguística, apropriada para aquele momento. Em síntese, o estatuto dos protagonistas pode se transformar de um caso para outro.

Neste espaço interno, teremos, estrategicamente, os dizeres do próprio presidente, dando assim credibilidade a sua biografia. Nesse momento, há a tentativa de associar sua imagem à de um conselheiro que aponta comportamentos que as crianças devem ter para que o Brasil se desenvolva. Assim sendo, o EUE/GV, ser da palavra, será um amigo que fala para as crianças. Essa estratégia de desdobramento é colocada em cena com a finalidade de criar uma imagem de destinatário (TUd) leitor ideal para o EUC e, indiretamente, às suas famílias, professores e outros sujeitos, que, porventura, tiverem contato com tal texto. Como dissemos, no espaço interno, teremos o EUE1, Getúlio Vargas, o amigo das crianças. Além dele, teremos o EUE2, o narrador-observador da biografia, indivíduo onipresente e onisciente durante todo o desenrolar da história. Esse EUE2 é a projeção do EUC Alfredo Barroso, ser social, dono do projeto de escrita. Escolhemos esse trecho do nosso material de análise para descrever o funcionamento deste jogo enunciativo:

⁷ *Ethos*, termo emprestado da retórica antiga, em grego ἦθος, personagem, designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer influência sobre o seu alocutário. Esta noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso, em que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal.

[1] Nesse município de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino Getúlio Vargas, filho de um bravo gaúcho-soldado de Passo Fundo, o General Manuel do Nascimento Vargas e de Dona Cândida Dornelles Vargas. O General, firme e sorridente, já passou da casa dos 90 anos. Dona Cândida morreu perto dos 70. Cinco filhos teve o casal, todos eles dotados de fortaleza física e de inteireza de espírito. Getúlio Vargas nasceu, assim, numa terra de gente destemida e forte, de uma família de almas afeitas ao trabalho e à bondade. No jovem gaúcho floriam todas as belas qualidades humanas de energia e boa vontade (BARROSO, 1942, p. 8).

Como vimos, em uma troca linguageira, o estatuto dos parceiros é fundamental. Além disso, precisamos considerar também, o modo como o discurso proferido pelo enunciador será organizado a fim de atingir o seu objetivo comunicativo. Um discurso poderá ser organizado como enunciativo, descritivo, narrativo ou argumentativo. Esses modos são escolhidos na tentativa de satisfazer as condições de sucesso impostas pela situação comunicativa. Para tanto, o sujeito deve considerar as limitações que lhe são apresentadas pelo quadro físico e mental no qual se encontra, dentre elas: a identidade dos parceiros, as condições materiais em torno das quais a situação se estrutura, o propósito temático e a finalidade de troca.

Esses modos de organizar o discurso não são completamente separados uns dos outros, eles embrenham-se no desenvolvimento dos textos. O sujeito pode utilizar um ou mais modos ou até a combinação deles, dependendo do espaço de manobras que possui dentro da troca. Na verdade, cada um desses modos propõe, à sua maneira, a sua organização do mundo referencial, de forma que uma *mise en scène* original dê lugar a uma *mise en description*, *mise en narration* ou, ainda, a uma *mise en argumentation*. Para compreendermos esses quatro modos, precisamos primeiramente analisar a função de base que cada um desempenha.

Ainda de acordo com Charaudeau (2009), o modo de organização será enunciativo se a relação entre os interlocutores estiver em foco. Será descritivo se tiver como objetivo a qualificação e identificação de um participante do processo de comunicação. Será narrativo se o processo temporal for o destaque e, por fim, argumentativo quando as relações de causa e efeito forem ressaltadas. É necessário dizer ainda que o modo de organização enunciativo perpassa todos os outros modos, ou seja, pode-se dizer que narrar, descrever e argumentar são estruturados pelo modo enunciativo.

Em síntese, o discurso pode ser organizado no modo enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, como mostramos anteriormente. Os gêneros textuais tanto podem ser perpassados/compostos por um dos modos de discurso que constitui sua organização dominante ou resultar da combinação de vários desses modos.

Apesar de compreendermos que nosso material de análise é permeado por todos os modos de discurso, para fins de estudo, nesta pesquisa, utilizaremos a categoria de análise apenas do modo *narrativo*⁸, pois corresponde à organização dominante da biografia de Getúlio.

Como já foi dito, os gêneros são escolhidos de acordo com a situação de comunicação, levando em conta os parceiros discursivos e o contrato entre eles. Outro fator importante são as visadas, ou seja, a finalidade que se deseja alcançar.

Cada situação de comunicação pode utilizar uma ou mais visadas para garantir que sua finalidade seja alcançada. A situação de comunicação educacional, por exemplo, pode convocar as visadas de prescrição (*fazer-fazer*), de informação (*fazer-saber*) e de demonstração (*fazer-crer*). Porém, ela as faz por meio da visada dominante da instrução (*fazer-saber-fazer*), ou seja, daquela que determina a expectativa do contrato comunicacional que os rege.

A biografia de Getúlio Vargas escrita por Alfredo Barroso é narrativizada por este biógrafo do início ao fim. Isto significa que é por meio do que ele “diz” que os leitores conhecerão, discursivamente, as personagens da história, principalmente, a vida de Getúlio. O escritor constrói o seu projeto de escrita seguindo uma ampla estrutura que perpassa todo o texto, desenvolvendo o seu enredo. Ele parte da apresentação das personagens, situando-as no tempo e no espaço, qualificando-as (por meio de descrições) para, em seguida, inseri-las numa sequência lógica de ações e envolvê-las em um plano.

É importante observar, como veremos na análise do *corpus*, que a escolha de cada personagem, lugar, data, atitude etc. foi feita com a intenção de criar uma imagem positiva para Getúlio. Esses fatores juntos compõem uma rede de influência sobre a vida de GV desde a sua infância até a chegada ao Poder. Nesse lapso temporal, obstáculos surgem, confrontos são revelados, alianças são feitas e, juntos, todos caminham para o desfecho, que

⁸ Principalmente, por se tratar de uma história destinada ao público infantil.

naturalmente propõe uma moral para a história – geralmente dentro de uma estrutura arquetípica relacionando o bem e o mal.

2. Os modos de organização do discurso

O modo narrativo caracteriza-se pela construção de uma sucessão de ações, que deve ser delimitada em seu princípio e fim para haver coerência. Essa sucessão é motivada pela intenção do sujeito, “que elabora um projeto de fazer e tenta conduzi-lo bem” (CHARAUDEAU, 2009, p. 168). É necessário não confundir gênero textual e modo de organização do discurso. Não se trata de elaborar uma tipologia dos textos narrativos, mas de colocar em evidência os componentes e os procedimentos de um modo de organização cuja combinação deve permitir compreender melhor as múltiplas significações de um texto particular.

Esse modo se caracteriza, então, por uma dupla articulação. Trata-se não apenas da construção de uma sucessão de ações segundo uma lógica, como também da organização dessas ações em um universo narrado. Podemos chamar este segundo processo de organização da colocação em narração, que constrói o universo narrado propriamente dito sob a responsabilidade de um sujeito narrador que se encontra ligado, por um contrato de comunicação, ao seu destinatário.

Os principais componentes da estrutura narrativa são os *actantes*, sujeitos da narrativa que desempenham papéis relacionados às ações das quais dependem; os *processos*, que determinam as relações entre os actantes e suas devidas funções; e as *sequências*, que associam os actantes e os processos a uma finalidade narrativa segundo princípios de organização. Na narrativa, há a presença de muitos actantes (desempenhando inúmeros papéis), porém, para este artigo específico, demonstraremos quais os papéis e principais ações foram desempenhados pelo actante Getúlio Vargas.

Na biografia analisada, percebemos como o biógrafo (Alfredo Barroso) desenvolve o seu texto a partir das ações de Getúlio e de outras personagens que ajudam na construção da imagem do estadista. Essas personagens, os actantes, aqueles que executam as ações na história, ao realizarem isso, desempenham também certos papéis. Por exemplo, um Chefe de Estado (Getúlio) precisa desempenhar vários papéis, como o de determinado, o de bom, o de amigo (ao falar às crianças) etc.

Além do que foi dito, é importante lembrar o que Charaudeau (1992, p. 712-713) evidencia sobre a narrativa e sua capacidade de recontar o passado a partir de um tempo presente.

Narrar é uma atividade posterior à existência de uma realidade que se dá, necessariamente, como passada (mesmo quando ela é uma ficção). Ao mesmo tempo, essa atividade tem a competência de criar um universo narrado que se baseia em uma outra realidade que somente pode existir por meio desse universo (CHARAUDEAU, 1992, p. 712-713, tradução nossa)⁹.

Dessa forma, a biografia de Getúlio Vargas é um texto baseado em fatos reais, em acontecimentos que são retomados para darem veracidade a sua história. Contudo, é importante lembrar que nenhuma realidade pode ser resgatada em sua íntegra. Ao escrever, o biógrafo cria uma nova história e, assim, recria uma nova realidade, baseando-se em recortes escolhidos por ele.

2.1 O Modo de organização Narrativo

Neste tópico, tentaremos apresentar o processo de construção da imagem (identidade discursiva) de Vargas em sua biografia. Para isso, utilizaremos os resultados das grades¹⁰ que apresentamos adiante e faremos uma interface com dados históricos.

O modo narrativo caracteriza-se pela construção de uma sucessão de ações, que deve ser delimitada em seu princípio e fim para haver coerência. Essa sucessão, segundo Charaudeau (2009, p. 168), é motivada pela intenção do sujeito, “que elabora um projeto de fazer e tenta conduzi-lo bem” para ter êxito.

A lógica narrativa se constrói com a ajuda de três tipos de componentes, os *actantes*, os *processos* e as *sequências*. Tais componentes estão estreitamente ligados uns aos outros e se definem reciprocamente, como vimos na parte teórica. Ressaltamos que os *processos* e as *sequências* não foram analisados sistematicamente, pois não contemplaram o nosso objetivo de identificação da imagem de nacionalista de Getúlio Vargas.

⁹ No original: Raconter est une activité postérieure à l'existence d'une réalité qui se donne nécessairement comme passée (même lorsqu'elle est pure invention), et en même temps cette activité a la faculté de faire naître, de toutes pièces, un univers, l'univers raconté, qui prend le pas sur l'autre réalité laquelle n'existe plus qu'à travers cet univers.

¹⁰ Estas grades foram elaboradas pela pesquisadora Mariana Ramalho Procópio Xavier (2008, p. 56-60), tendo como base a teoria charaudeana. Elas possibilitam o mapeamento do *corpus*, facilitando a visualização da ocorrência dos dados.

A análise do nosso *corpus* foi baseada na ocorrência de papéis actanciais desempenhados pela personagem principal, o protagonista Getúlio Vargas, em cada um dos capítulos de sua biografia. A verificação de tais ocorrências pode ser vista, resumidamente, na grade abaixo.

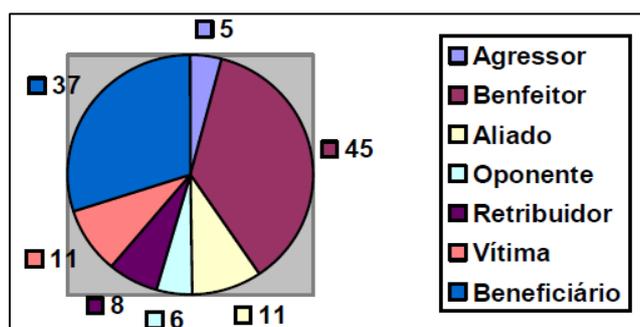
Tabela 1 – Quadro de ocorrência dos papéis actanciais

Capítulo	Figura actancial	Ocorrências em que desempenhou o papel						
		Agressor	Benfeitor	Aliado	Oponen- te	Retribui- dor	Vítima	Benefi- ciário
1: Infância e Estudo	Getúlio Vargas	1	2	2	1	3	0	8
2: A vida militar	Getúlio Vargas	0	4	4	0	1	0	8
3: De ministro a presidente	Getúlio Vargas	0	4	2	2	0	3	3
4: A Revolução de outubro	Getúlio Vargas	0	1	1	3	1	2	3
5: A reconstrução do Brasil	Getúlio Vargas	2	15	1	0	1	4	3
6: O Estado Novo	Getúlio Vargas	2	4	1	0	1	2	7
7: Força e trabalho	Getúlio Vargas	0	11	0	0	1	0	5
8:	Getúlio	0	4	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

A partir dessa grade, observamos que Getúlio Vargas em sua “biografia” desempenha 123 vezes papéis actanciais diversos ao longo dos 8 capítulos, sendo 5 vezes agressor, 45 vezes benfeitor, 11 vezes aliado, 6 vezes oponente, 8 vezes retribuidor, 11 vezes vítima e 37 vezes beneficiário. Tal dimensão pode ser melhor compreendida, por meio da visualização do seguinte gráfico:

Figura 2 – Gráfico setorial dos papéis actanciais



Fonte: Elaboração Própria

Na narrativa biográfica de Getúlio, procuramos identificar os papéis actanciais mais recorrentes desempenhados por ele. Ao observar a grade, percebemos que a personagem Getúlio desempenhou, na maioria das vezes, o papel de benfeitor. A ele foi atribuída a responsabilidade de ser o modelo para as crianças, por exemplo, de bom menino e aluno; posteriormente, na função de estadista, para todos os cidadãos brasileiros, como um trabalhador incansável, um nacionalista, que buscava o melhor para o Brasil. Por meio dessa personagem, são passados para as crianças exemplos e modelos de conduta, uma espécie de “seja como eu sou, logo, terá sucesso”, com destaque também para ações e condutas que reafirmam a sua capacidade para governar o País, como podemos verificar no trecho [2] – infância – e no trecho [3] – fase adulta:

[2] Os amiguinhos de infância nem sempre respeitavam devidamente essa criação: mas qualquer desrespeito era imensamente coibido com palavras e conselhos do jovem Vargas, que **fazia valer os direitos dos indefesos bichos da amoreira**. (BARROSO, 1942, p. 14 – grifo nosso).

[3] Em 1909, abandonando a Promotoria Pública (onde uma vez, **por bondade, pediu, não a condenação, mas absolvição de um réu**), Getúlio Vargas abre um escritório de advocacia em São Borja [...] Getúlio Vargas **estuda sempre e cada vez mais a mentalidade de seu povo, suas aspirações e necessidades**. Sabe que, quanto melhor conhecer o povo, mais fácil será a tarefa de, no futuro, saber governá-lo. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso).

Em segundo lugar, no número de ocorrências, está o papel de beneficiário. Notamos que o biógrafo destacou esse papel com o intuito de valorizar a família, a escola, as boas companhias. Sendo assim, Getúlio Vargas só pode ser quem ele foi, pois tinha uma família exemplar e era um filho obediente; tinha bons professores e era estudioso; tinha bons amigos. Todos esses fatores contribuíram, portanto, para formar a sua identidade, como podemos constatar nos fragmentos [4] – em relação a sua família – e [5] – em relação aos seus estudos:

[4] Nesse município de belas paisagens e de gente robusta nasceu o menino Getúlio Vargas, **filho de um bravo gaúcho-soldado** (sic) de Passo fundo, o General Manuel do Nascimento Vargas e Dona Cândida Dornelles Vargas. O General, **firme e sorridente**, já passou da casa dos 90. (BARROSO, 1942, p. 22 - grifo nosso).

[5] Quando chegou o tempo, o General mandou o gauchinho para os estudos. As primeiras letras, ele aprendeu com a mestra Carolina Ferreira. Dessa professora passou para as mãos do mestre Fabriciano Braga, que também era jornalista na cidade. De Fabriciano foi transferido aos cuidados de Luis Patrício Boscot, que

começou a mostrar lhe os primeiros rudimentos de humanidades. Getúlio era bom estudante: dedicação ao estudo, pertinácia no cumprimento dos deveres, respeito aos mestres, espírito de ordem e de disciplina. (BARROSO, 1942, p. 14 - grifo nosso).

De uma maneira geral, podemos dizer que a argumentação defendida na história e sua organização tanto narrativa quanto descritiva giram em torno da ideia de um modelo a ser seguido. Esse modelo funcionava como uma forma para os cidadãos que o Estado Novo precisava ter, segundo os interesses de GV. Os dados nos permitem dizer que, de modo geral, Getúlio desempenha papéis com qualificações positivas. Isso ocorre devido ao fato de que o biógrafo, durante todo o seu projeto de texto, tenta elaborar uma imagem positiva para Getúlio e de que esses papéis tendem a obedecer a uma certa regularidade. É interessante notar que, nas cinco únicas vezes em que Getúlio desempenhou o papel de agressor, seja quando criança, seja quando líder, foi com a intenção de proteger os menos favorecidos, como no fragmento [6] “[...] **improvisava caçada** aos guaraxins (sic) que assaltavam os galinheiros da estancia (sic)” (BARROSO, 1942, p. 14 - grifo nosso), ou a soberania do interesse público, como no fragmento [7]:

[7] Getúlio Vargas, apoiado pelo Exército e pela opinião pública, **reprimiu e sufocou** a Revolução de 9 de julho de 1932, em São Paulo, promovendo, após a vitória, a perfeita confraternização entre derrotados e vencedores, sem obedecer senão ao coração. (BARROSO, 1942, p. 50 - grifo nosso).

Em relação ao papel de agressor, na defesa dos interesses do povo ou do Brasil, esse vem acompanhado de um aliado, seja o povo, o Exército etc., que respaldam a atitude do estadista.

Como vimos, o modo de organização narrativo foi essencial na investigação das categorias de língua que foram utilizadas pelo biógrafo na tentativa de criar uma imagem positiva para Getúlio Vargas frente à sociedade de 1940.

Considerações finais

O presente artigo teve o objetivo de apresentar parte de uma dissertação de mestrado, que buscou comprovar a hipótese de que a biografia de GV escrita para crianças, apesar de parecer em um primeiro momento, um “ingênuo” paradidático com uma visada meramente instrucional, na verdade,

tinha como objetivo inculcar nas mentes dos infantes os valores estadonovistas desejados pelo Governo daquela conjuntura.

O segundo passo foi a identificação das características constitutivas do contrato comunicacional, que rege as práticas linguageiras em torno do discurso da biografia, a fim de compreender quais eram as restrições situacionais que estruturaram tais práticas, e como essas restrições se refletem na construção do texto. Dessa forma, descrevemos as situações de comunicação que compuseram o nosso *corpus*, de forma a alçar dados ligados às identidades sociais dos sujeitos comunicantes (o próprio Getúlio Vargas, o Estado, o DIP e o biógrafo) e interpretantes (as crianças), às finalidades originadas das trocas e às condições materiais em que o discurso era divulgado.

A partir desse passo, seguimos para a análise da organização discursiva da biografia. Como se trata de um paradidático, pudemos verificar que os modos de discurso descritivo e narrativo eram dominantes, no entanto, para esta pesquisa nos focamos no modo narrativo. Dessa forma, utilizamos a grade de análise proposta a partir da teoria de Charaudeau (2008 e 2009) com o intuito de mapearmos a obra.

Em relação ao modo narrativo, procuramos avaliar os papéis actanciais desempenhados pelo protagonista GV. É importante ressaltar que todas as ações desempenhadas pelas outras personagens¹¹ influenciaram diretamente sobre as ações de GV e, todas estas ações, de uma maneira ou de outra, geraram um comportamento positivo para o estadista. Como exemplo, temos a resistência dos comunistas ao governo getulista. A biografia narra que Getúlio tratou do assunto com serenidade e bondade, primando pela paz do país e pela supremacia do interesse público, apresentando-se como um benfeitor.

Durante toda a narrativa, Getúlio Vargas desempenhou 45 vezes o papel de benfeitor e 5 vezes o de agressor, o que nos leva a concluir que, a partir dos dados apresentados pelo biógrafo, a imagem que se desejava para GV era a de um ser humano bom, digno de confiança, credível e um espelho para outros.

O discurso político de Vargas batalhou pela afirmação de um “nós” coletivo que implicava necessariamente a negação do outro, visto sempre como um opositor e um inimigo. Difundindo essa máxima, as exclusões e

¹¹ Os papéis actanciais das outras personagens, apesar de não aparecerem neste texto, devido à limitação de laudas, também foram analisados.

perseguições aos adversários do regime eram justificadas. É interessante perceber que tais imaginários coletivos ainda persistem na atualidade, pois o varguismo foi uma lembrança bem construída pela memória oficial, com o auxílio da máquina da propaganda; além disso, é recordada, com nostalgia, pelos trabalhadores que se sentiam/sentem dignificados ou beneficiados pela política do ‘pai dos pobres. (CAPELATO, 1998).

Ao recuperar esse momento histórico, pretendemos enquanto pesquisadores refletir sobre uma das formas de se criar ilusões e esperanças vãs em uma sociedade carente de justiça social e respeito frente ao mundo. Ressaltamos a importância de tal reflexão ser atemporal. Devemos, necessariamente, ter esse paradigma como uma lente para visualizar de uma forma mais lúcida os instrumentos manipulados pela mídia e pelo Governo.

Referências

ABREU-AOKI, Raquel Lima. **A construção narrativo-argumentativa da imagem de um presidente na biografia Getúlio Vargas para crianças**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Dissertação de Mestrado.

BARROSO, Alfredo. **Getúlio Vargas para Crianças**. Rio de Janeiro: Empresa de Publicações Infantis Ltda, 1945.

BOMENY, Helena. **Constelação Capanema: intelectuais e políticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BRASIL. **Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo**. São Paulo: Papyrus, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l’expression**. Paris: Hachette, 1992.

_____. **Discurso Político**. Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

ECO, Umberto; BONAZZI, Marisa. **Mentiras que parecem verdades**. Trad. Giacomina Faldini. São Paulo: Summus, 1980.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo**: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. 2008. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: USP, 1984.

Forma de citação sugerida:

ABREU-AOKI. Raquel Lima de. A biografia em sua dimensão argumentativa: o fazer-fazer. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 14, p. 139-154, jul/dez.2017.

Recebido em: 04/09/2017

Aprovado em: 25/11/2017